

ATENDIMENTO CLÍNICO COM CRIANÇAS – A IMPORTÂNCIA DA INTERVENÇÃO PRECOCE E DA PARTICIPAÇÃO DOS PAIS¹.

Raquel Gomes Pinto²

Um dos objetivos do atendimento da criança pequena é o de capacitá-la a lidar com sua realidade, desejos e frustrações. Para isso, são criadas condições propícias para o desenvolvimento do lúdico e da fantasia. A seguir, é apresentado um caso atendido pela Psicóloga Raquel Gomes Pinto no Centro de Atendimento e Estudos Psicológicos – CAEP/UnB – ANNIE, 11 anos de idade. O nome da criança é fictício e, além disso, a mãe da

¹ O presente artigo é baseado em um estudo de caso, apresentado pela Psicóloga Raquel Gomes Pinto, com orientação da Profa. Dra. Izabel Tafuri, Universidade de Brasília, na XXXIII Reunião Anual de Psicologia, 2003, em Belo Horizonte e na III Jornada sobre Psicopatologia e Linguagem, 2004, em Brasília.

² Raquel Gomes Pinto – E-mail: raquel@castelobrancopsi.com

Psicóloga, mestre em Psicologia, na área de Desenvolvimento Humano no Contexto Sócio-cultural. Atua no *Castelo Branco Consultório de Psicologia* atendendo crianças, jovens e adultos. Tem experiência no atendimento de dependentes químicos pela Diretoria de Saúde Ocupacional do Governo do Distrito Federal e, atualmente, acompanha sentenciados que cumprem Medida de Segurança no Tribunal de Justiça. No consultório, está envolvida no atendimento das crianças e seus pais, com o objetivo de proporcionar-lhes uma vida mais feliz e harmoniosa. Tem trabalhado, também, no acompanhamento de pessoas com dependência química, no sentido de oferecer-lhes uma rede de apoio e atendimento multiprofissional, com outras clínicas ou profissionais referenciados.

criança autorizou a supervisão dos atendimentos no grupo de pesquisa coordenado pela Profa. Dra. Izabel e sua divulgação em congressos de Psicologia e artigos.

2

Queixa Inicial

Fala infantilizada, imaturidade emocional, obesidade, dependência afetiva, dificuldades escolares, inibição em expressar sentimentos, idéias e emoções. A mãe estava ansiosa em ver Annie defendendo-se das pessoas ao seu redor, principalmente das colegas que a exploravam na escola. Além disso, a mãe desejava ver a filha expondo suas opiniões e defendendo suas idéias. Demonstrava receio da criança se tornar uma adulta como ela: “chorona”, frágil e passiva.

Contexto Familiar

Mora com família materna, avós e um tio, ao qual é muito apegada. Seus pais se separaram quando Annie tinha 7 anos de idade. Nas primeiras entrevistas, constatou-se uma relação familiar pouco favorável ao desenvolvimento da criança. Nos atendimentos realizados individualmente com a mãe e o pai, a pedido de ambos, constatou-se que tanto a mãe quanto o pai denegriam a imagem de um e de outro para a filha. A escuta da história de vida dos pais propiciou uma reflexão sobre as relações entre a atitude de denegrir a imagem de um e de outro para a criança e os conflitos psíquicos expressos pela filha.

Demanda da criança

Medo intenso de não ser amada pelas pessoas. Sua fala infantilizada demonstra seu desejo inconsciente de permanecer pequena, portanto protegida e querida. Este medo é paralisante – não age nem reage com medo de desagradar às pessoas. Seu tom de voz regride principalmente diante de figuras masculinas (pai e tio) e, no início das sessões com a psicóloga, onde é convidada a escolher alguma atividade.

A Psicoterapia

Através da técnica da utilização da técnica dos rabiscos (*squiggle game* – atividade de brincar criativo), de D. W. Winnicott, Annie começou a falar do seu corpo de forma lúdica. A baleia, por ela nomeada de Fofucha, fez-se presente em vários atendimentos. Dando voz à baleia, Annie também se entregava à fantasia, desenvolvendo diversas narrativas.

Annie, nos primeiros atendimentos, desenhava de forma controlada, demonstrando dificuldade em soltar sua criatividade. Com semanas de atendimento, Annie já era capaz de construir narrativas inteiras, assim como criar soluções criativas para diversos problemas.

Com aproximadamente 6 meses de atendimento, Annie optou por jogar mais do que brincar de boneca ou desenhar. Nos primeiros jogos, a psicóloga transgredia as regras, ganhando sempre o jogo. A transgressão era sempre interpretada à Annie “Você não quer que eu perca, por isso me deixa roubar. Você tem medo que eu não goste mais de você”. Com o caminhar dos atendimentos, Annie passou a repreender a terapeuta e a mostrar-se disposta a defender a si mesma e a buscar a sua própria felicidade.

Conclusões

Annie passou a expressar-se mais espontaneamente, a criar histórias ricas em fantasias e a falar mais de si mesma e das suas angústias. Voltou-se para a defesa de si mesma e para a conquista do seu espaço. Dessa forma, Annie pôde encontrar um caminho mais seguro para o seu desenvolvimento afetivo, cognitivo e social.

